

**cR** | Centro  
de Referência  
Paulo Freire



Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do  
Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**

Freipe  
436

# Analistas e solidão. Preferências

FOR. 0181E.01-0178

Uma preferência pelas narrativas curtas que contém sátiras ao regime dominante e distrai o público de seus problemas cotidianos.

Uma marca da leitura do brasileiro: Fernando Veríssimo e García Márquez

Nara Antunes

**A** FEIRA DO LIVRO/82 acabou, mas ainda não baixou a «poeira» por ela levantada. Aliás, seria até bom que dita «poeira» não baixasse nunca mais, pois ela é sinônimo de uma movimentação cultural que deveria ser permanente em Brasília.

Todos — promotores, livreiros, imprensa e público — foram unânimes em reconhecer o sucesso da FEIRA, não apenas do ponto de vista comercial, mas, principalmente, sob o aspecto do contingente de novos leitores conquistados. Um público diversificado — a maior parte não muito afeita a frequentar livrarias — compareceu ao Centro de Convenções durante os 10 dias que durou a FEIRA, entrando em contacto direto com os livros e alguns de seus autores.

Vendo, folheando, «cheirando os livros» (como gostava de dizer Monteiro Lobato), este público deve ter sido contaminação pelo benéfico «vírus» da leitura, em geral incurável. E, por outro lado, convivendo com diversos autores — entre os quais, alguns já famosos, como Herberto Salles, Márcio de Souza, Maria Júlia Drummond de Andrade e outros —, provavelmente redescobriu uma verdade por vezes esquecida, os escritores são pessoas de carne e osso, e não super-homens enclausurados em imaginárias torres de marfim.

O brasileiro foi à FEIRA e comprou livros, que devem estar sendo lidos neste momento. Uma rápida análise das obras mais procuradas (veja o quadro) talvez permita fazer um retrato aproximado da Brasília-leitora de hoje. Aliás, como em geral a tendência demonstrada durante a FEIRA, não desmente um diagnóstico feito pelos livreiros em recente mesarejada promovida pelo Jornal de Brasília, pode-se afirmar que este retrato tem uma validade mais duradoura.

«O leitor brasileiro não foge aos padrões nacionais», disseram os livreiros. «É influenciado pelos comentários que lhe chegam através da imprensa do Sul e, na atual conjuntura econômica, está demonstrando nitida preferência pelas narrativas curtas, tipo crônicas, que contém sátiras ao regime dominante e distrai o público de seus problemas cotidianos».

Esta explicação cabe como luva para justificar o notável sucesso de O analista de Bagé e Outras do analista de Bagé, as duas obras do gaúcho Luis Fernando

Veríssimo que, na FEIRA de Brasília, confirmaram sua condição de campeões na preferência dos leitores. Desde que «estourou» na Feira do Livro de Porto Alegre no ano passado, O analista de Bagé vem aparecendo em praticamente todas as listas de «best-sellers» do País, e a nova obra de Veríssimo aproveitou este exuberante sucesso, apropriando-se até do título para repetir o êxito.

Já no caso de Cem anos de solidão, o aumento da curiosidade deve-se ao Prêmio Nobel de Literatura, concedido recentemente ao colombiano Gabriel García Márquez. Aliás, em 1982, a Academia Sueca de Letras redimiu-se ao premiar a literatura hispano-americana — que hoje se encontra na vanguarda da literatura universal — e ao escolher, entre os autores desta literatura, o nome de García Márquez, um escritor de inegáveis recursos literários e também um nome conchudíssimo junto ao grande público, quando ultimamente o Nodel vinha sendo concedido a autores praticamente desconhecidos. Cem anos de solidão, romance maior do escritor colombiano, resume e retrata bem toda a sua obra, em seu misto de imaginação desvaída e realidade cotidiana (na América Latina, o fantástico acontece diariamente...); em sua linguagem transbordante, que recupera por o romance aquele prazer de leitura ultimamente esquecido (quando a Europa proclama aos quatro ventos a «morte do romance», o Cem anos de solidão vem provar que o gênero está mais vivo do que nunca...); ou em sua recriação magistral do povoado de Macondo e da saga da família Buendía, microcosmos que sintetiza os grandes mitos e os eternos

problemas do Homem, na América Latina e no mundo.

Os badaladíssimos 80 anos de Carlos Drummond de Andrade — o aniversário coincidiu com o período da FEIRA DO LIVRO/82 — fizeram com que um poeta ascendessem à condição de «best-seller», coisa que normalmente raríssimas vezes acontece. E óbvio que a produção literária de nosso «Poeta Maior» há muito já merecia um maior interesse do público brasileiro, e se a festa serviu, ao menos, para levar novos leitores a seus livros, justificar-se-ia até uma festa maior. De Drummond, já se disse muito, e no entanto, pouco se disse... Melhor que qualquer comentário a seu respeito é esta lista direta a suas obras, única maneira de penetrar na essência de sua poesia, que carrega consigo a essência da própria Poesia.

Dos outros livros de ficção preferidos pelos brasileiros durante a FEIRA, nenhum desmente tendências já confirmadas. Alguns são obras há bastante tempo presentes nas listas de «best-sellers», como A Guerra do Fim do Mundo, de Mário Vargas Llosa e Memórias de Adriano, de Marguerite Yourcenar (talvez o livro mais vendido no Brasil ultimamente). Outros, são novidades recentes de autores que costumam sempre figurar em listas semelhantes: Sinais de Vida no Planeta Minas, de Fernando Gabeira; O Mosaico de Parsifal, de Robert Lundlum; A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi, de Márcio Souza (que esteve pessoalmente na FEIRA), ou o próprio Denário do Sonho, de Marguerite Yourcenar. E outros, ainda, devem sua ampla aceitação à divulgação obtida através da televisão, como é o caso, por

exemplo, de Sucupira, Ame-a ou Deixa-a, de Dias Gomes, reunião de episódios (alguns inéditos no vídeo) da série global «O Bem Amado».

Basicamente, foi essa mesma divulgação televisiva que ajudou o médico coreano Jong Suk Yum a alcançar-se como campeão absoluto da FEIRA, com seus livros Doenças: causas e tratamentos e Diagnóstico Visual do Homem. Por mais que Brasília seja uma cidade famosa por adotar facilmente ideias que contrariem valores estabelecidos, e por mais que estejamos vivendo a moda da ecologia e da medicina natural, sem dúvida, se o Dr. Suk Yum não tivesse sido, nas duas semanas que antecederam à FEIRA, a figura central do «Fantástico», dificilmente seus livros teriam tamanha repercussão.

Já o sucesso conseguido por A Queda para o Alto, de Herzer, apenas em parte pode ser explicado pela repercussão do caso na imprensa, devendo-se, principalmente, ao interesse que o tema levanta. Afinal de contas, o bi-sexualismo, os problemas do menor abandonado recolhido pela FEBEM, a iniciação no mundo dos vícios e das drogas, são assuntos que, por si só, já cativam o grande público.

No caso de A Nova Dependência, a mais recente análise econômica da situação brasileira feita por Celso Furtado, certamente as peculiaridades características de Brasília — sede do Governo e, portanto, cidade que abriga aqueles que tomam as decisões no País —, aliadas à enorme afinação que a crise econômica desperta em

todos, explicariam a maior procura de um livro teoricamente «árido» para o grande público (embora os livros sobre economia e ciência política em geral sejam benéficos na cidade). E a prova de que os brasileiros, de modo geral, andam avidos por soluções, é o interesse também demonstrado pelo livro Teoria Z, de William Ouchi, que discute as saídas encontradas pelos japoneses para superarem a crise.

Numa FEIRA DE LIVROS, era natural que despertasse uma atenção maior A Importância do Ato de Ler, título de um livrinho do famoso educador Paulo Freire, cujas revolucionárias teorias e método em matéria de educação de adultos voltaram a primeiro plano após um longo — chamemo-lo assim — esquecimento involuntário nos anos anteriores à «abertura». Paulo Freire — homem da educação através do diálogo e do respeito mútuo entre educador e educando, e autor de um método de alfabetização de adultos que pressupõe uma conscientização simultânea do homem diante do mundo que o rodeia — debate neste opúsculo «a importância do ato de ler», ler aqui significando não apenas decodificar a palavra escrita nos livros, como também compreender as mensagens não-escritas apresentadas pelo mundo que nos circunda.

Entre os demais livros não-ficcionais que aparecem na lista dos mais vendidos da FEIRA DO LIVRO/82, talvez o que cause maior surpresa, por seu caráter específico alheio a um público mais diversificado, seja Paradoxos e Possibilidades, de Celso Lafer. O título sugestivo disfarça, paradoxalmente, também revela uma

série de análises que procuram sondar o destino do Brasil e de seu povo perante o desafio das relações internacionais. Como sempre, Lafer revela-se um cronista político com inquietações filosóficas, demonstrando ser legítimo herdeiro de Hannah Arendt, de quem foi aluno nos Estados Unidos.

Particularmente dedicada às crianças, a FEIRA DO LIVRO/82 teve a alegria de ver esta ênfase correspondida pelo público infantil que dela participou. A nova geração de leitores, que se conquistou através de promoções desta natureza, já crescerá sem padecer do «medo das livrarias», um tabu muito generalizado entre os mais velhos. Pelo contrário, de inacessíveis «objetos não identificados», desde cedo os livros se transformam, para essas crianças, em amigos inseparáveis nos quais encontram distração e educação.

Em geral, as crianças até 5 anos — ou os adultos que as acompanham — buscavam orientação para a escolha de livros próprios para esta faixa etária, mas a partir desta idade, já preferiam escolher pessoalmente suas leituras. Houve uma enorme aceitação de certas novidades editoriais lançadas para atender os pré-alfabetizados (livrinhos de pano, laváveis, falantes, sem textos, etc), que acostumam à criança na convivência com o livro mesmo antes que aprendam a ler sozinhas. É importante, ainda, salientar que os livros destinados às crianças menores contém, em geral, variadas e coloridas ilustrações, servindo não apenas de iniciação à leitura, como também de introdução às artes plásticas.

Para os já alfabetizados, a grande preferência incidiu sobre autores brasileiros, que desbancaram Cinderelas, Chapeuzinhos Vermelhos e outros personagens universais. Monteiro Lobato, Clarice Lispector, Origenes Lessa, Herberto Salles, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo — a lista dos bons autores nacionais seria, praticamente, inumerável — são alguns poucos exemplos da qualidade literária que se pode encontrar na literatura infanto-juvenil produzida no Brasil, que alia uma linguagem que adapta o leitor mirim ao interesse pelas coisas especificamente brasileiras.

Um fato notável chamou a atenção na FEIRA: o garoto (13 anos) André Gonçalves de Araújo, residente em Brasília, esteve autografando seu livro Datan, o Capitão do Espaço no Ano 2.000, o que vem comprovar que a FEIRA não apenas conquistou novos leitores, como revelou novos escritores para a literatura brasileira.

## Os mais vendidos na Feira do Livro

### FIÇÃO:

- O analista de Bagé e Outras do analista de Bagé, de Luis Fernando Veríssimo
- Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez
- Várias obras, especialmente Antologia poética, de Carlos Drummond de Andrade
- O mosaico de Parsifal, de Robert Lundlum
- A resistível ascensão do Boto Tucuxi, de Márcio Souza
- A guerra do fim do mundo, de Mário Vargas Llosa
- Sinais de vida no planeta Minas, de Fernando Gabeira
- Memória de Adriano e Denário do sonho, de

### Marguerite Yourcenar

• Sucupira, ame-a ou deixa-a, de Dias Gomes

### NÃO FIÇÃO:

- Doenças: causas e tratamentos e Diagnóstico visual do homem, de Jong Suk Yum
- A queda para o alto, de Herzer
- A nova dependência, de Celso Furtado
- Teoria Z, de William Ouchi
- A importância do ato de ler, de Paulo Freire
- Relatório Hite sobre a sexualidade masculina, de Shere Hite
- Paradoxos e possibilidades, de Celso Lafer
- Balanço final e A cerimônia do adeus, de Simone de Beauvoir

### INFANTO-JUVENIS:

- O menino malquinho, de Ziraldo
- Zezinho, o dono da porquinha preta, de Jair Vitoria, como em geral todos os livros da série «Vagalume», da Ed. Atica.
- O bigode sorridente, de Santuza Pinto Coelho
- Várias obras infantis de consagrados autores nacionais, como Monteiro Lobato, Origenes Lessa, Clarice Lispector, Herberto Salles, e outros.
- Novidades editoriais, tipo livros sem texto, laváveis, falantes, de pano, etc.

NOTA: Pesquisa realizada junto aos vários stands montados na FEIRA DO LIVRO/82.